

## CRÔNICA

Paulo Pestana • papestana@uol.com.br



# Palavras moribundas

“**A**lvissaras”, disse o velho companheiro na chegada ao bar. Não era um cumprimento que ele já tivesse usado naquele modesto estabelecimento. Alguém soprou uma surpresa, talvez por causa da fonética – vísceras só interessam aos presentes na forma de quitutes: rins, moelas e figados, devidamente fritos ou cozidos.

Embora seja uma palavra bonita, como quase todas as iniciadas com ‘al’ — de ascendência árabe —, é um termo em desuso. Alvisaras tem a ver com um anúncio de novidades auspiciosas. Mas parece que a falta de notícia boa tem dizimado os achádegos, outra palavra em desuso, que identifica os otimistas que trazem bons augúrios (epa!).

Palavras passam com o tempo. Como todos nós, ganham rugas, perdem cabelo, ficam adiposas – a diferença é que nem todas morrem. É só parar um pouco e pensar: para que, nos dias de hoje, serve o verbo discar? Foi substituído por teclar, que nem existia até pouco tempo, enquanto velhos telefones foram morrendo.

Outras palavras viraram brincadeira de escritor metido a erudito. Nestes dias tão apressados ninguém se diz aguçado, embora seja a mesma coisa. Ou coitar quando se pode dizer machucar ou ferir. Franquia,

em tempos idos, era um sinônimo de sinceridade; hoje, graças ao anglicismo vindo de franchising, é uma espécie de loja filial.

Alguns termos só têm serventia hoje para quem faz palavras cruzadas; são só escritas. Ninguém mais fala ademanes, vocábulo nascido para determinar o gestual de uma pessoa, que com o tempo foi escorregando para identificar trejeitos delicados e morreu de inanição, porque não é de bom-tom (preconceito?) dizer que alguém tem gestos afeminados.

E há aqueles que só sobrevivem nos livros de direito. Resipiscência, por exemplo, não é usado nem entre religiosos para denominar o arrependimento por algum ato. Ou menagem, que seria a prisão fora do cárcere, uma espécie de casamento — para alguns! O que nos leva a outra palavra em desuso: uxório.

Hoje fala-se o neologismo feminicídio, uma

tragédia destes tempos de virada, em que alguns machos não conseguem se desvencilhar do caráter neandertal, e abusam da covardia. Não precisava inventar palavra: já tínhamos uxoricídio, já que o termo é relativo à mulher, principalmente à casada.

Muitas palavras são simplesmente muito difíceis de serem usadas, seja pela sonoridade — beneplácito ao em vez de aprovação – ou pelo pedantismo

— filaucioso, no lugar de pedante; mendacioso como substituto de mentiroso.

Os dicionários estão aí para nos oferecer alternativas nas conversas, ideias e nos bilhetes de whatsapp – tudo para não nos deixar esquecer que a língua portuguesa tem mais de 306 mil vocábulos (segundo o Moraes). Ainda assim há quem prefira se comunicar por emojis e figurinhas, uma forma moderninha de hieróglifo.

Voltando ao alvissareiro amigo que provocou essa viagem às palavras moribundas, ele tinha realmente o que anunciar, mas com uma leve subversão ao significado original: “Tenho duas notícias, uma boa e uma ruim; qual vocês querem ouvir primeiro?” Alguém escolheu a ruim. “A notícia ruim é que não tem notícia boa”. E a boa? “A boa é que não tem notícia ruim”, disse, gargalhando sozinho, porque a piada é horrível.

